AS "CASAS DE BRASILEIROS" – DOIS EXEMPLOS NO VALE DO SOUSA

Alda Neto

Introdução

À semelhança do norte do País, o Vale do Sousa foi, durante a segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX, ponto de partida e de chegada de inúmeros portugueses que faziam do Brasil o seu território de eleição, a sua *árvore das patacas.*

No seu regresso, os *brasileiros de torna-viagem* modificaram a paisagem do norte de Portugal e, no nosso caso em particular, a de Paredes. Construíram escolas, auxiliaram os Hospitais da Misericórdia, patrocinaram bolsas de estudo e ajudaram os mais pobres e carenciados. Contudo, a sua afirmação perante a comunidade local não se traduziu só na filantropia, mas também na construção de casas por parte destes emigrantes em terras brasileiras.

Figura n.º 1
Palacete da Granja na actualidade

Figura n.º 2
Castrália

Casas como a "Castrália" ou o Palacete da Granja demonstram uma vivência do emigrante não só por terras brasileiras, como nas terras portuguesas onde estes indivíduos, afinal, tinham as suas raízes. A casa do brasileiro no concelho de Paredes é, no fim de contas, a personificação do percurso pessoal e profissional em terras de Vera Cruz.

Neste trabalho, estabeleceremos termos comparativos entre as casas, e associaremos estes edifícios ao seu encomendador e ao seu percurso. É importante referir que estas casas constituem um importante marco na história da arte portuguesa, mas cada edificação constitui um caso particular.

1. *A Casa de Brasileiro:* alguns exemplos na literatura portuguesa[1]

Autores como Camilo Castelo Branco ou Júlio Dinis catalogaram as casas dos *brasileiros* como objectos bizarros e perturbadores da ordem e simplicidade da paisagem nortenha. Assim, o norte do país foi pontuado de casas que muitos consideram diferentes, mas que constituem o testemunho de vida do emigrante.

As descrições camilianas da "Casa do Brasileiro" inserem-se na paisagem rural do Minho e procuram exprimir, sobretudo, o novo-riquismo, bem como a incoerência e o mau gosto artístico. Estas casas são descritas como exemplos de mau-gosto arquitectónico e decorativo que contribuíram para a adulteração da paisagem minhota.

Como se pode constatar, não foi só o "brasileiro" alvo das críticas literárias, mas também a própria casa, cuja descrição tem de ser encarada como um mero exercício

[1] CESAR, 1969: 89.

literário, uma vez que houve casas que, quer nas suas cores, quer nos materiais usados ou na decoração, se assemelham de facto às descrições literárias, enquanto são bastante diferentes e que foram menosprezadas por este "fardo" imposto.

2. O que é a *Casa de Brasileiro?*

Como refere Paula Torres Peixoto, no artigo *A Casa do "Brasileiro"*[2], entendem-se assim todas as construções que foram edificadas de raiz ou adquiridas e/ou transformadas para residência destes portugueses. Assim, o número de construções está directamente associado ao retorno, com mais ou menos sucesso, dos portugueses que emigraram para o Brasil no século XIX. Consideramos que não existe um modelo-tipo de *Casa de Brasileiro*, mas pelo contrário um conjunto de características comuns à maior parte das casas construídas pelos emigrantes.

Este modelo assenta na grande assimetria e variedade presentes no conjunto arquitectónico. É necessário salientar o grande número de elementos decorativos presentes nestas casas, que variam entre o azulejo de diferentes cores e as estátuas que rematam os telhados ou os portões. As fachadas são extremamente coloridas devido à utilização de azulejos policromos. O jardim, limitado por um gradeamento e fechado por portões de ferro forjado, assume uma grande importância, uma vez que constitui uma tentativa de recriação do ambiente exótico que encontrou no Brasil. Este mesmo jardim apresenta uma grande variedade de plantas e árvores importadas do Brasil, como é o caso das palmeiras imperiais.

Apesar de todas estas características estarem presentes na literatura portuguesa, é importante referir que nem sempre as casas as apresentam de uma forma bastante visível.

Esta casa é o reflexo de uma personagem que não se conseguiu enquadrar na sociedade brasileira, mas após o seu regresso também não se conseguiu fazer aceitar na comunidade que o viu partir pobre e que agora regressa endinheirado. Neste regresso, traz consigo os modelos do estrangeiro, quer do Brasil quer dos outros países por onde terá, eventualmente, passado e procura transpô-los para a habitação que quer construir.

A *Casa de Brasileiro* é o espaço de convívio social com os familiares, os amigos, os habitantes da aldeia e todos aqueles que entretanto o emigrante conheceu durante a sua estada no Brasil. É o ponto de passagem e de convívio quer de personalidades históricas quer de pessoas anónimas, e as casas de Paredes não são excepção.

Como o arquitecto José Carlos Loureiro afirma: "(…) Aquilo que ontem parecia sem valor, deturpado por visões críticas viciadas por premissas rígidas ou distorcidas,

[2] PEIXOTO, 1998: 118-123.

surge amanhã como símbolo do gosto de uma época, como testemunho de uma tecnologia até aí de valor insuspeitado, representativa de valores sociais positivos ou negativos, mas de inegável valor histórico e artístico"[3]. Consideramos importante que as *Casas dos Brasileiros* comecem a ser encaradas como o testemunho de uma época que contribuiu não só para introduzir novos materiais como para desenvolver um mercado de trabalho ao nível dos ofícios e das indústrias a elas ligados, mas também novas práticas arquitectónicas e decorativas.

3. Existe um modelo de *Casa de Brasileiro*?

Apesar de não existir um modelo típico da casa de brasileiro, pois estas inserem-se em contextos socioeconómicos distintos e apresentam características diferentes, é nossa opinião que existem características comuns que se reflectem nas variadas construções por todo o norte de Portugal.

De acordo com o arquitecto José Manuel Pedreirinho, "uma das características que podemos considerar mais constantes daquilo que genericamente se refere como casas de emigrantes é justamente o facto de estas não apresentarem características próprias"[4].

De facto, as *Casas de Brasileiros,* por nós estudadas, são um conjunto de casas dispersas na paisagem do concelho de Paredes que se destacam pela sua diversidade formal e pelo modo como se afirmam na própria paisagem. Assim, estas casas constituem uma amálgama de edifícios de diferentes traças e materiais, com tratamentos e dimensionamentos distintos.

Como já foi referido anteriormente, as casas reflectem a personalidade do *brasileiro* que ali habitou e que a mandou construir. Desta forma, a *Castrália* e o Palacete da Granja constituem dois exemplos distintos deste concelho. Vejamos então estes dois exemplos de *Casas de Brasileiros*, que reflectem os percursos bastante distintos de dois emigrantes.

4. O *Palacete da Granja* – casa do Visconde de Paredes

O Palacete da Granja localiza-se na freguesia de Castelões de Cepeda, sede do concelho e terá sido mandado edificar por Joaquim Bernardo Mendes, Visconde de Paredes.

Joaquim Bernardo Mendes nasceu na freguesia de Castelões de Cepeda em 1843. Os seus pais, Manuel Bernardo Mendes e Umbelina Rosa Mendes, eram importantes

[3] LOUREIRO, 1988.
[4] PEDREIRINHO, 1986: 96-100.

proprietários agrícolas nos concelhos de Paredes e de Penafiel. Emigrou bastante jovem para a cidade de São Salvador da Baía, onde aprendeu e desenvolveu a actividade comercial na loja do marido de Rosalina de Sousa Guimarães[5], tendo herdado o negócio após a morte deste.

Nesta cidade conheceu D. Deolinda Francisca Guimarães Nolasco da Silva. Deste casamento resultaram três filhos: Rosalina Maria da Conceição Mendes, António Anselmo da Silva Mendes e Joaquim Nolasco da Silva Mendes.

Entretanto, D. Rosalina de Sousa Guimarães adoeceu gravemente, facto que motivou o regresso antecipado a Portugal de Joaquim Bernardo Mendes. Regressou a Portugal acompanhado pela sua esposa e pela sua filha mais velha, juntamente com a cunhada e três criadas (uma mulata e duas pretas).

Este regresso ter-se-á efectuado, provavelmente, no início do último quartel do século XIX, uma vez que surgem referências à presença deste emigrante em eventos organizados nos concelhos de Paredes e de Penafiel, neste período.

Joaquim Bernardo Mendes deslocou-se então para o concelho de Paredes onde se fixou definitivamente. Envolveu-se no governo do concelho de Paredes, tendo-se tornado Presidente da Câmara Municipal no início do século XX.

Na sede do concelho, começou por habitar o primeiro andar onde funcionou a Assembleia de Paredes, no largo Nun'Álvares, enquanto se concluía a construção do prédio projectado no lugar do Souto, futuro Palacete da Granja, que ficou concluído na década de 1890. No lugar do Souto existia uma habitação que foi demolida entretanto para dar lugar a este palacete.

Em 1894, Joaquim Bernardo Mendes empenhou-se, enquanto presidente da Comissão Responsável, na trasladação dos restos mortais do Conselheiro José Guilherme Pacheco, um ilustre brasileiro que se fixou em Paredes.

A 2 de Junho de 1895 recebeu o título de Visconde de Paredes por decreto real.

No ano seguinte, Paredes recebeu a visita do rei D. Carlos. O monarca visitou a sede do concelho, a caminho das Pedras Salgadas, onde se ia encontrar com a rainha D. Amélia. Paredes engalanou-se para receber o rei que chegou no dia de 12 de Junho. "Na gare, o administrador, a câmara, juiz, delegado, escrivães, algumas senhoras, os bombeiros voluntários. Fora da estação, na rua que vai dar ao palacete do brazileiro sr. Joaquim Bernardo Mendes, muito povo. A rua embandeirada até ao palacete que é muito bonito e em apparencia de opulento. (…) El rei pouco se demorou, seguindo logo para o palacete Mendes. As musicas seguiram até ao palacete Mendes, que é a pequena distancia da estação. (…) O palacete estava ricamente adornado. Fica no

[5] Rosalina de Sousa Guimarães, irmã de Deolinda Francisca Guimarães da Silva Mendes, era natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, da cidade de São Salvador da Baía. Veio para Paredes juntamente com Joaquim Bernardo Mendes e a sua irmã. Neste concelho destacou-se como grande benemérita e protectora dos mais pobres. Promoveu a construção da nova Igreja Matriz de Castelões de Cepeda.

centro de um jardim, que me pareceu muito bonito. A entrada, até à escadaria que dá acesso ao palacete, tapetada de folhas de rosas, lançadas pela ranchada de aldeãs. El-rei subiu logo para o 1.º andar, onde está a sala de visitas, ricamente mobilada. Ahi, foram-lhe apresentados o dono da casa e varias pessoas gradas. S. M. assomou a janela e foi muito cumprimentado pelo povo (…)"[6].

Desta forma, o Palacete da Granja apresentou-se como um espaço condigno para se proceder a esta recepção. De acordo com a descrição presente na imprensa local, o interior do edifício era ricamente mobilado.

Joaquim Bernardo Mendes era um defensor da monarquia, como se pode comprovar pelas visitas que recebeu, entre elas os reis D. Carlos I e D. Manuel II e de elementos do Partido Regenerador.

As notícias publicadas na imprensa sobre o Visconde de Paredes confundem-se com as publicadas sobre o Palacete da Granja. Inclusive a própria imprensa chega a referir-se ao palacete como o Palacete Mendes ou a Casa do Visconde de Paredes. Desta forma, reiteramos a nossa opinião, as *Casas de Brasileiro* não podem ser vistas como conjuntos edificados isolados, mas como mais um elemento para o estudo do percurso do *brasileiro.*

Em 1899, o jornal *O Comércio de Penafiel* referiu a chegada do Dr. Alberto Navarro, à estação de Paredes para almoçar com o Visconde de Paredes e outros elementos do Partido Regenerador, como o Conselheiro Campos Henriques[7]. Este edifício tornou-se num importante centro de convívio de políticos portugueses. Em 1904, o jornal *O Comércio de Penafiel* escreve o seguinte: *"S. Exas dirigem-se agora para o palacete do sr. Visconde de Paredes. Vae servir-se o jantar, com a assistência de bastantes convidados"*[8].

Em 1906, os jardins do Palacete foram palco de um baile de máscaras organizado pela Viscondessa de Paredes. Em 1909, o rei D. Manuel II visitou a sede do concelho de Paredes e o Palacete da Granja e o Visconde de Paredes.

Em 1911, o Visconde de Paredes adoeceu gravemente, vindo a falecer a 16 de Maio do mesmo ano. O Palacete da Granja recebeu a população do concelho de Paredes que aqui se deslocou para prestar a sua última homenagem ao Visconde de Paredes. A 26 de Maio de 1911, o periódico paredense *O Povo* publicou um artigo sobre o funeral do Visconde de Paredes, tendo destacado as personalidades que

[6] *O Primeiro de Janeiro,* n.º 139.

[7] O Conselheiro Campos Henriques nasceu em 1853, na cidade do Porto. Em 1875 licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Posteriormente, filiou-se no Partido Regenerador. Nos anos de 1892, 1897 e 1900 foi eleito deputado. Em 1893 foi nomeado para Governador Civil do Porto. Em 1894 foi nomeado Ministro das Obras Públicas e, em 1900, foi-lhe atribuída a Pasta da Justiça. Foi novamente Ministro da Justiça no Ministério da "Acalmação". Após a implantação da República abandonou a vida política. Faleceu a 7 de Novembro de 1922.

[8] *O Comércio de Penafiel,* n.º 2: 931.

acompanharam o corpo desde o palacete até ao cemitério. Entre as personalidades destacadas referimos os *brasileiros* Adriano Moreira de Castro e Victorino Coelho Pereira. "(…) Ao palacete dos srs. Viscondes de Paredes, teem afluído muitas pessoas a desanojar aquella familia tendo-se recebido ali tambem copioso numero de telegrammas e correspondência postal de pezames. (…)"[9].

Em 1924, o Visconde de Paredes e o Palacete da Granja voltam a ser referidos na imprensa local da seguinte forma: "(…) O seu primeiro beneficio à nossa vila traduziu-se na construção do seu palacete, o mais rico e lindo edifício da região, que na principal artéria da povoação, está a indicar às vereações paredenses, já não digo a riquesa, mas a elegância e o bom gosto arquitectónico a que deviam obedecer as restantes construções na mesma rua"[10].

Quanto à actividade filantrópica de Joaquim Bernardo Mendes (Visconde de Paredes), esta confunde-se com a da sua cunhada, D. Rosalina de Sousa Guimarães. Esta *brasileira* destacou-se pela sua intensa filantropia, na medida em que se empenhou intensamente no apoio aos mais carenciados e na dotação da sede do concelho de uma digna Igreja Matriz. Nesta última actividade contou com o apoio do *brasileiro* Visconde de Paredes e do Conselheiro José Guilherme Pacheco.

A 16 de Maio de 1900 foi publicado um artigo no periódico *O Comércio de Penafiel* onde o jornalista destacava a intensa actividade do Visconde de Paredes no sentido de concluir a Igreja Matriz.

Na década de 1920, o *brasileiro* Tenente-Coronel José Ribeiro da Costa Júnior publicou um conjunto de artigos no jornal *O Novo Paredense,* intitulados *Recordações do Passado.* Nestes artigos exalta os serviços prestados pelos *brasileiros* ao concelho de Paredes e ao Vale do Sousa. Neste caso, destaca o Visconde de Paredes, como um paredense ilustre "(…) benemérito daquela terra, em prol da qual trabalhou sempre enquanto vivo. Por isso, não pode ficar esquecido como tantos outros, (…), que nos deixaram ainda a grata recordação dos seus feitos a favor dos interesses da terra"[11].

O Palacete da Granja destacou-se não só pelas suas dimensões e motivos decorativos, como pela já referida intensa vida social que aqui ocorreu nos finais do século XIX, princípios do século XX. Este edifício foi construído junto da Avenida principal de Paredes. De acordo, com notícias publicadas na imprensa, o Palacete da Granja encontrava-se em construção, em 1883.

O Palacete da Granja é composto por um edifício habitacional de grandes dimensões, dividido em três corpos: um corpo principal e dois laterais, e por dois caramanchões adossados aos muros da propriedade. Estes caramanchões localizam-se nas extremidades da propriedade, encontrando-se voltados para a avenida principal,

[9] *O Povo,* n.º 10.
[10] *O Novo Paredense,* n.º 37.
[11] *O Novo Paredense,* n.º 16.

assumindo uma função de espaço de convívio. Os corpos laterais são simétricos, destacando-se por apresentarem quatro janelas, em cada um dos dois pisos. As janelas do primeiro piso são janelas de sacada, na medida em que o primeiro terço apresenta uma varanda em ferro forjado que se abre para o jardim, enquanto as janelas do segundo piso destacam-se por apresentarem sobre o peitoril uma grade com motivos florais e geométricos. Quanto à fachada posterior esta encontra-se ligeiramente alterada devido às obras dos finais do século XX. O corpo principal é composto pela porta principal no primeiro piso e por uma janela com varanda em ferro forjado, no segundo piso. Esta varanda abre-se sobre a escadaria apoiada em cachorros em granito.

O edifício é rematado por uma balaustrada em granito, destacando-se os jarrões colocados nas extremidades do edifício, bem como o frontão triangular que coroa o corpo principal. Neste frontão encontra-se uma escultura que representa uma flor, possivelmente.

O Palacete encontra-se no centro de um jardim, cujas dimensões foram diminuindo ao longo do século XX. No jardim existem duas grandes fontes, que aqui foram colocadas aquando da última obra de restauro na década de 1990.

A entrada na propriedade realiza-se através de um portão em ferro forjado, com motivos geométricos e florais. Uma escadaria em granito dá acesso ao palacete que se desenvolve em dois pisos de tratamento semelhante.

Quanto ao revestimento exterior do edifício, este apresenta as fachadas principal e laterais, decoradas com azulejos amarelos e brancos, decorados com motivos florais. Quanto à fachada posterior, esta é, actualmente, inteiramente rebocada.

Apesar de este edifício ter sido projectado para ser utilizado como habitação, sofreu alterações de forma a adaptar-se a outras funções ao longo do século XX, nomeadamente a partir de 1930.

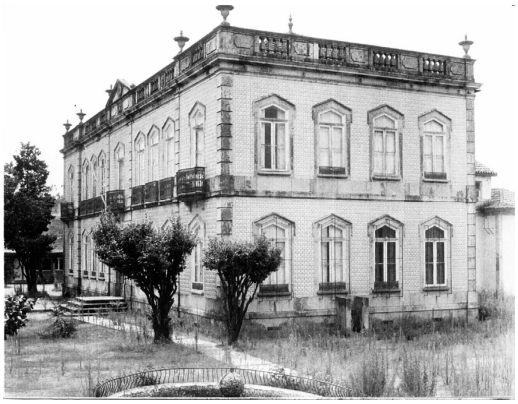
Na década de 1930, começam a circular artigos na imprensa que apelam à utilização deste edifício como sede dos Paços do Concelho. Assim, em 1932, o Presidente da Câmara, Dr. Tomás Lopes Cardoso procede ao arrendamento do Palacete da Granja, propriedade da filha do Visconde de Paredes, D. Rosalina Mendes Portocarrero. Inicialmente, seriam aqui instalados os serviços camarários, mas no ano seguinte, o mesmo Presidente da Câmara propôs a mudança definitiva dos Paços do Concelho para este palacete, facto que se veio a concretizar.

Desta forma o interior do edifício foi alterado devido às sucessivas ocupações que o Palacete teve após 1932. Nesta data, o Palacete de Granja perdeu a sua verdadeira função para se tornar num dos espaços que receberia a Câmara Municipal. Posteriormente, seria utilizado como escola. Viria a ser ocupado pelo Colégio Antero de Quental, que transferiu para ali toda a actividade docente, até à mudança para a freguesia de Baltar, concelho de Paredes, uma vez que a Câmara Municipal não dispunha de instalações próprias. Para aqui instalar o Liceu foram necessárias grandes

obras de adaptação, todas elas custeadas pela Câmara. A escola de Paredes funcionou várias décadas neste edifício, até à sua mudança definitiva para as novas instalações em meados da década de 1980. Mais uma vez, o Palacete ficou abandonado ao seu destino, até que a Escola Preparatória "Teixeira de Vasconcelos" mudou para este espaço uma parte das suas instalações. A ocupação foi de curta duração, pois esta também se mudou para o complexo educativo de Paredes. Uma vez mais, o Palacete da Granja ficou votado ao abandono, na medida em que, apesar de todos os esforços levados a cabo pela Santa Casa da Misericórdia, nem as autoridades governamentais nem as autoridades locais apresentaram qualquer solução.

Com o objectivo de preservar e valorizar este edifício, o provedor da Misericórdia de Paredes, Abílio Seabra, adquiriu este imóvel e ofereceu-o à Santa Casa da Misericórdia de Paredes que, posteriormente, o alugou por um período de longa duração à Câmara Municipal. A Câmara Municipal, entretanto, iniciou obras de recuperação e adaptação do imóvel. Estas obras foram lideradas pelo arquitecto Carlos Santos, que elaborou um projecto para um espaço cultural. As obras iniciaram-se em 1994, tendo-se concluído em 1997.

Figura n.º 3
O Palacete da Granja na década de 1980 (Arquivo Particular)



A 16 de Maio de 1997, procedeu-se à inauguração de um novo Palacete da Granja, desta vez convertido em espaço cultural. Desde então tornou-se num espaço de intenso movimento cultural, recuperando de alguma forma o fulgor de outros tempos. "Coincidindo com a abertura do Encontr'artes 97, que decorre de amanhã a 28 de Junho, a Câmara Municipal inaugura, no primeiro dia da iniciativa, a Casa da Cultura do concelho, instalada no recuperado Palacete da Granja (…)"[12].

[12] *Novas do Vale do Sousa*, 1997.

Quanto ao processo de recuperação, gostaríamos de referir que todo o interior foi demolido devido ao processo de abandono e degradação a que este edifício esteve votado. No entanto, todo o exterior foi mantido, conseguindo conservar as características e materiais do edifício original.

De acordo com elementos recolhidos em arquivos particulares, o Palacete da Granja possuía uma clarabóia que iluminava a escadaria que fazia a ligação entre o primeiro e o segundo pisos. Nesta clarabóia destacavam-se figuras infantis em alto relevo, devidamente enquadradas por motivos geométricos e florais. A escadaria que fazia a ligação entre os dois pisos era antecedida por um arco de volta perfeita, em silharia pseudo-isodoma.

Figura n.º 4
A clarabóia existente no Palacete da Granja (Arquivo Particular)

Nas paredes do segundo piso encontravam-se pequenos escudos em estuque com a mesma representação floral do tímpano exterior, possível elemento do brasão do Visconde de Paredes.

Os tectos das diferentes divisões eram em estuque com representações florais, no entanto todas estas decorações desapareceram aquando das obras de adaptação a Casa da Cultura.

Este edifício continua a destacar-se na paisagem concelhia sobretudo pela sua imponência e, também, por ser o único registo material do percurso de um importante *brasileiro de torna-viagem.*

5. A *Castrália* – espelho do percurso de Adriano Moreira de Castro

A "Castrália" localiza-se na freguesia de Louredo, concelho de Paredes, e foi mandada construir por Adriano Moreira de Castro.

Adriano Moreira de Castro nasceu em 1858, no lugar de Sobradelo, na freguesia de Louredo, concelho de Paredes. Emigrou, em 1872, para o Brasil, com 14 anos de idade. Desembarcou na cidade de Belém do Pará, tornando-se um importante comerciante nesta cidade.

No início do século XX [1901], regressou a Louredo. Em 1912 foi eleito Presidente da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Paredes, vindo a pedir a exoneração do cargo nesse mesmo ano.

Entre 1912 e 1918, procedeu ao financiamento da construção de uma escola na freguesia de Louredo. Esta doação encontra-se documentada na acta da sessão da Câmara, no dia 28 de Novembro de 1912. Em 1918, a escola foi inaugurada com a presença de importantes personalidades da época, entre elas D. António Augusto de Castro Meireles[13] e José Coimbra Pacheco, proprietário da Estância de Louredo. O Ministro da Instrução, Dr. Alfredo Magalhães, foi convidado para a inauguração, mas acabou por não estar presente. Como se pode verificar, a instrução constituiu uma preocupação deste *brasileiro,* aspecto bastante visível na construção e preparação da escola de Louredo quer em termos materiais quer em termos pecuniários. Assim, instituiu bolsas de estudo e prémios para os melhores alunos da escola. O empenho e trabalho em prol da instrução foram reconhecidos em 1936, pelo Presidente da República, General Óscar Carmona. A 7 de Abril deste ano foi-lhe conferido o título de Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública.

Adriano Moreira de Castro foi um constante impulsionador da imprensa regional e nacional, destacando-se pela demonstração dos seus ideais políticos e pelos vários textos

[13] D. António Augusto de Castro Meireles, filho de Raimundo Duarte Meireles e Delfina Moreira de Castro, irmã de Adriano Moreira de Castro, nasceu a 15 de Agosto de 1885 em São Vicente de Boim, concelho de Lousada e faleceu a 29 de Março de 1942, na cidade do Porto. Estudou no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, ingressando, posteriormente, no Seminário do Porto. A 22 de Abril de 1908 foi ordenado padre. Em 1912 concluiu os cursos de Teologia e Direito na Universidade de Coimbra, dedicando-se ao exercício de ambas as carreiras no Porto. Foi nomeado bispo de Angra de Heroísmo a 29 de Junho de 1924, tendo aí permanecido até 1929. Nesta diocese privilegiou a educação católica e a organização política dos católicos no arquipélago dos Açores. Procurou aumentar a influência política e social da Igreja durante a Primeira República portuguesa. Tornou-se uma presença constante na imprensa diária através da aquisição pela Diocese dos jornais *A União* (Angra do Heroísmo) e a *Democracia* (cidade da Horta). Aquando do terramoto da Horta, em 31 de Agosto de 1926, empenhou-se na busca de recursos para auxiliar as famílias sinistradas. Com este objectivo, deslocou-se até à comunidade açoriana na costa leste dos Estados Unidos da América buscando aí apoios económicos para as populações atingidas. Em 1929, substituiu D. António Barbosa Leão, como bispo da cidade do Porto, permanecendo aí até 1942, data em que viria a falecer.

que redigiu quer para o jornal *A Behetria de Louredo,* quer para o *Almanaque Luso-Brasileiro,* editado por Parceria A. M. Pereira subordinados à temática da emigração.

Este *brasileiro* traduziu o seu regresso no constante auxílio aos mais necessitados, com constantes doações à Santa Casa da Misericórdia de Paredes e aos mais desfavorecidos da sua aldeia.

A sua filantropia estendia-se às festas populares, quer em Paredes quer em Penafiel. Veja-se o exemplo da Festa em honra de São Sebastião (Louredo – Paredes) ou a Festa de Nossa Senhora da Saúde (Bustelo – Penafiel) cujas despesas foram suportadas integralmente por este emigrante.

Do ponto de vista ideológico, Adriano Moreira de Castro era um fervoroso defensor dos ideais republicanos, tendo inclusive patrocinado a realização de vários comícios no concelho de Paredes e, nomeadamente, na sua vivenda *Castrália,* como por exemplo a 29 de Abril de 1911: "Em Louredo da serra, concelho de Paredes, effectuou-se no domingo um comício de propaganda eleitoral. O comício realisou-se n'uma propriedade do nosso amigo sr. Adriano Moreira de Castro, digno vice-presidente da Câmara"[14]. Os ideais republicanos estavam presentes nas suas obras, como podemos constatar pela inscrição (já desaparecida) colocada na frontaria da escola de Louredo: *Depois do pão, a educação a primeira necessidade do povo.* Na própria *Castrália*, a adesão aos ideais republicanos apresentou-se de forma visível. Na fachada voltada a sul, foi colocado um suporte para a colocação de uma bandeira. Actualmente, o mastro já não existe, mas ainda é possível encontrar vestígios do local onde este seria colocado. No arquivo particular da *Castrália*, encontra-se a bandeira que constitui a junção das bandeiras de Portugal e do Brasil. Esta bandeira, à semelhança da bandeira republicana portuguesa, é composta por duas partes: uma vermelha e outra verde. A parte central é ocupada pelo globo, semelhante ao existente na bandeira brasileira, com a frase: Pátria e Liberdade.

A sua adesão aos ideais republicanos manifestou-se na decoração da sua habitação, pois a divisão designada por "Sala da Música" exibe no seu tecto o hino francês "*A Marselhesa",* ligeiramente adaptado e intitulado *"A Marselhesa Paredense"*.

Como se pode ver, a *Castrália* constituiu simultaneamente o ponto de encontro de republicanos, intelectuais e dos mais necessitados. Esta casa foi palco de recepção de ilustres personagens como o bispo D. António Augusto de Castro Meireles, José Coimbra Pacheco e Leónidas de Castro Melo, importante milionário brasileiro.

Em 1911, o periódico paredense *A Redenção* publicou um artigo alusivo à *Castrália*. Neste artigo é dada a notícia da criação de uma composição musical, uma valsa, em honra da *Castrália,* pelo músico Álvaro Teixeira Lopes.

À semelhança desta publicação, Adriano Moreira de Castro encomendou, em 1909, uma colecção de três postais, que fez distribuir pelos seus familiares e amigos.

[14] *O Comércio de Penafiel,* n.º 3: 653

Nestes postais, é visível a grandiosidade da edificação, bem como o próprio emigrante que se fez fotografar na sacada do primeiro piso.

A Castrália foi construída pelo emigrante junto da casa dos seus pais, composta por um único piso. Ter-se-á começado a construir no início do século XX e terá ficado concluída por volta de 1909, data que se encontra assinalada no portão principal.

Desde 1910, surgem referências a esta habitação na imprensa. A C*astrália* é sempre referenciada com epítetos como linda, luxuosa, belíssima e apalaçada. Em 1922, o periódico *A Behetria de Louredo* refere-se a esta da seguinte forma: "linda e apalaçada vivenda da Castrália, que é um folgar de olhos pelas belezas que encerra"[15]. Como se pode verificar, esta casa causava imensa curiosidade na imprensa da época.

A designação atribuída às *Casas de Brasileiros* está igualmente relacionada com a homenagem que o *brasileiro* procura prestar à mulher que, no lugar de origem, aguardou a sua chegada em viagens e que cuidou da sua descendência e, também com o lugar em que a casa é construída. Neste caso a designação atribuída constitui uma junção do apelido do *Brasileiro* – Castro e do nome Castália. De acordo com a mitologia grega, Castália era uma donzela de Delfos que foi perseguida por Apolo, junto do santuário, e atirou-se a uma fonte, à qual foi dado, posteriormente, o seu nome[16]. Desta forma, consideramos que a *Castrália* seria um espaço onde a música, a cultura e a política se cruzariam sob a protecção do seu patrono.

O conjunto edificado é composto pelo edifício de habitação e por um grupo de construções anexas como a garagem, o celeiro, pequenos espaços de apoio à actividade agrícola e o mirante. Na extremidade sul da propriedade existe um mirante, cuja balaustrada se abre para o adro da Igreja Matriz de São Cristóvão de Louredo.

O edifício de habitação é composto por quatro pisos. Na cave localizam-se a adega, a garagem e os espaços de apoio à actividade agrícola. Anteriormente, existia uma pequena central a gás que era usada para iluminar e aquecer toda a casa.

Todo o conjunto edificado é cercado por um muro, cuja entrada é feita através de um portão em ferro forjado com a inscrição *Castrália* e a data de 1909. O portão principal abre-se para um pátio e para a fachada principal. Esta fachada apresenta, no primeiro andar, uma varanda rematada por uma balaustrada, sobre as quais se encontram duas estátuas colocadas nas extremidades, representando a figura do Comércio, como o deus Hermes, e uma figura feminina alegórica da Indústria.

Na fachada lateral, existe um jardim romântico, com uma gruta, cuja entrada está adossada à entrada da sala de jantar.

Ao contrário da maioria das *Casas de Brasileiros,* cujo exterior é revestido a azulejos, a *Castrália* é toda rebocada e, actualmente, está pintada de cor cinzenta, apesar

[15] *A Behetria de Louredo,* n.º 2, 22 de Janeiro de 1922.
[16] GRIMAL, 1992: 78.

de inicialmente o edifício ser todo branco. As molduras das janelas e das portas são em granito, no exterior, alternando com a madeira do interior.

No rés-do-chão localiza-se a cozinha, que foi profundamente alterada. Para além deste espaço, existem a Sala de Jantar, a Sala da Música, a Sala da Geografia/Biblioteca e o "Quarto do Bispo". Neste piso, existe um vestíbulo que permite aceder à escadaria principal, em madeira, que conduz aos pisos superiores, onde se localizam os quartos.

No piso do rés-do-chão situam-se três portas, abrindo-se a porta central para uma escadaria e corrimão em madeira para o primeiro piso. A porta central é de madeira e vidro, tendo apresentado anteriormente motivos florais pintados. As portas laterais eram utilizadas para aceder a dois espaços distintos, a cozinha e a casa dos pais do *brasileiro.* As janelas do rés-do-chão, à semelhança das existentes nos pisos superiores, são em madeira e ferro forjado.

Na fachada sul abre-se uma varanda, para a qual confluem as janelas de sacada da Sala da Música e do Escritório/Biblioteca. Sobre a sacada destas janelas existe uma estrutura em ferro forjado. De acordo com testemunhos familiares, esta estrutura seria utilizada para a colocação de uma cobertura em momentos de calor.

A casa destaca-se no seu enquadramento espacial, uma vez que se localiza junto da estrada municipal, aberta na década de 1920, confrontando uma das extremidades com o cemitério paroquial. A habitação encontra-se rodeada de terrenos agrícolas.

Os elementos referidos anteriormente, como sendo aqueles que traduzem a identidade da *Casa de Brasileiro,* não podem ser identificados na *Castrália,* uma vez que esta casa, como tantas outras, reflecte a personalidade e o percurso do seu proprietário. Por outro lado, esta casa constitui um exemplo bastante particular na medida em que o interior constitui uma representação das terras paraenses que o *brasileiro* tanto gostava e admirava.

A *Castrália* destacou-se, simultaneamente, pelas suas dimensões e características arquitectónicas, que se aproximam mais das inovações da Europa do que das características importadas do Brasil. As suas grandiosas dimensões e o seu telhado demasiado inclinado permitem-lhe afirmar-se na paisagem. A inclinação do telhado constitui uma influência das inovações arquitectónicas da Europa, fazendo recordar os "chalets". Este tipo de construção representa as mudanças introduzidas no nosso território pelos arquitectos, engenheiros, cenógrafos ou botânicos europeus ou mesmo pelas viagens realizadas pelos *brasileiros* no continente europeu.

De acordo com a *Monografia de Paredes*[17], os principais materiais usados na construção e decoração da casa eram provenientes de terras brasileiras como é o caso das madeiras (pau-brasil e pau-cetim) ou de alguns objectos decorativos (estatuária).

[17] BARREIRO, 1924: 414.

Embora a família não fosse muito numerosa (apenas uma filha do primeiro casamento), a casa possuía divisões bastante espaçosas: sete quartos, três quartos para os empregados, quatro instalações sanitárias, uma cozinha e três salas.

Após a entrada pela porta principal, o visitante depara-se com um átrio de dimensões modestas, mas decorado com elementos identificativos do emigrante. De acordo com testemunhos orais, para este espaço terão sido concebidas e encomendadas quatro cadeiras em pau-brasil e couro. Estas cadeiras permanecem, actualmente, no interior do edifício. As cadeiras que aqui estariam têm uma particularidade: o nome da habitação encontra-se inscrito no espaldar em pele. Esta inscrição foi colocada sobre uma esfera armilar, símbolo do rei D. Manuel e elemento colocado no centro da bandeira portuguesa, adoptada em 1910, aquando da implantação da República. A esfera armilar encontra-se cercada por uma moldura com motivos vegetais. Na parte inferior do espaldar encontram-se duas figuras masculinas semi-nuas, possivelmente índios brasileiros.

Quanto às zonas de acesso (corredores e escadaria), no rés-do-chão, o pavimento encontra-se em bom estado de conservação. O tecto é decorado com motivos florais, em alto-relevo, em estuque. No primeiro andar, as escadas de acesso tinham pinturas a imitar uma tapeçaria. As paredes da escadaria principal foram decoradas com pintura a fresco a imitar o mármore. No segundo piso, o pavimento encontra-se em muito mau estado de conservação devido ao abandono da casa nos finais do século XX.

Relativamente aos quartos, estes são de dimensões modestas.

No primeiro piso localiza-se o "Quarto do Bispo", designação dada devido à constante permanência de D. António Augusto de Castro Meireles em casa do seu tio, que lhe terá suportado parte dos estudos. Este quarto terá sido preparado para recebê-lo sempre que visitasse a freguesia de Louredo, apesar de considerarmos que esta divisão teria sido uma pequena sala de visitas.

Duas portas que apresentam nas almofadas pequenos ramos de flores pintadas abrem-se para o corredor, apresentando-nos a maior divisão da habitação – a Sala de Jantar. Esta sala caracteriza-se pelas variadas pinturas murais que revestem as paredes, na sua totalidade. Estas pinturas são da autoria de C. Carvalho, possivelmente de origem brasileira. O tecto é em estuque e estão representados motivos florais e animais, em alto-relevo. O pavimento da sala de jantar foi executado com pau-brasil e pau-cetim, madeiras importadas do Brasil pelo emigrante. No centro do pavimento, encontra-se o monograma de Adriano Moreira de Castro – AMC.

Figura n.º 5
A Sala de Jantar na Castrália

As paredes desta divisão estão divididas em cenas diferentes que, na sua maioria, representam paisagens alusivas ao Brasil, nomeadamente ao Estado do Pará. Na primeira metade da parede estão representados pequenos quadros com cenas campestres, citadinas e marítimas. Estes pequenos painéis constituem uma banda que circunda toda a divisão, funcionando como um elemento divisório. No primeiro terço da parede, o pintor concebeu uma pintura que se assemelha a madeira. Dentre as sete cenas representadas destacamos as seguintes:

- uma praça com uma fonte ao centro a jorrar água. Esta praça está rodeada por palmeiras e outras árvores. Junto da fonte existe um candeeiro em ferro forjado, com um grande globo branco. A fonte é em granito e apresenta sereias esculpidas. É composta por três taças de tamanho diferentes, com a representação de motivos geométricos. Na base, na parte interior da taça de maiores dimensões, estão representados seres marinhos com as bocas abertas. A fonte representada na *Castrália* constitui a reprodução de uma fonte existente na cidade de Belém do Pará intitulada de "Fonte das Sereias;
- uma alameda de palmeiras, com edifícios em estilo neoclássico. De acordo com informações orais recolhidas, esta cena é uma recriação da avenida Campos Henriques existente na cidade de Belém do Pará;
- uma torre em ruínas, composta por uma janela em arco quebrado no rés-do-chão e, no primeiro andar uma janela que se abre para uma varanda. No mesmo andar existe uma outra varanda, cuja abertura encontra-se coberta por vegetação que emerge do interior da torre. Para além da torre na cena, existe uma vegetação e uma árvore, cujos ramos se inclinam sobre a torre.

Em primeiro plano, estão representadas umas pedras a simular a entrada de uma gruta. Esta torre em ruínas existe, de facto, na cidade de Belém do Pará.

Figura n.º 6
Uma das pinturas murais na Sala de Jantar

Quanto ao tecto em estuque da sala de jantar, nele encontram-se representações em alto-relevo. Estas representações apresentam animais ligados à caça, nomeadamente aves e frutos exóticos como o ananás ou o chuchu. O tecto é emoldurado por um friso de motivos florais e ao centro um círculo com frutos variados. Nos pendentes do tecto encontramos animais de caça emparelhados. Consideramos que estas alegorias apresentadas ao longo da sala de jantar constituem uma demonstração da importância da cidade do Pará no percurso do emigrante. Estes frescos assemelham-se a autênticos bilhetes-postais do Pará perpetuados nas paredes desta sala.

A própria organização e decoração das divisões da edificação procura retratar esta tentativa dos *brasileiros* em se aproximarem dos ideais burgueses, ideais que procuram conjugar com os conhecimentos e influências que trazem do Brasil. Destacamos ainda o ambiente burguês que este *brasileiro* procurou recriar quer através dos objectos introduzidos, quer mesmo na decoração parietal das divisões.

Na Sala da Música, o popular e o erudito encontram-se representados em simultâneo. O pavimento é semelhante ao da Sala de Jantar. Nas paredes da Sala da Música estão representadas seis cenas, onde figuras infantis populares tocam instrumentos de corda. Para além das pinturas murais, foram colocados dois espelhos, decorados com motivos florais, que ladeavam um e outro lado da porta principal. As pinturas a fresco representam figuras infantis vestidas com trajes populares, dentre as quais destacamos as seguintes:

- uma figura feminina vestida à *minhota* a tocar harpa. A personagem apresenta uma saia e camisa brancas. A menina tem umas botas pretas calçadas e um lenço rosa amarrado na cabeça. A perna direita está apoiada sobre uma almofada da mesma cor do lenço. O rosto está voltado para o espectador, numa clara atitude de convite à audição daquilo que está a tocar. Esta pintura está assinada com a seguinte inscrição – M. C., 1919 (presumivelmente, pois a data está ligeiramente apagada);
- um jovem rapaz a tocar violino. Esta personagem está vestida com uns calções castanhos e uma camisa branca;
- sobre os ombros traz uma capa castanha semelhante às usadas pelos pastores e sobre a cabeça um chapéu de feltro com uma pena rosa. Este chapéu assemelha-se àquele que se encontra representada no Escritório. Do lado direito tem pendurado um garrafão. O pé esquerdo está apoiado sobre uma pedra. Esta pintura está assinada pelo mesmo pintor da sala de jantar – Costa Carvalho.

O tecto da Sala da Música também está decorado com instrumentos musicais realizados em estuque. Os instrumentos musicais representados estão enquadrados por ramos de flores suportados por mãos. Todos os instrumentos representados estão colocados sobre uma pauta musical. Nesta pauta musical está inscrita a melodia de *A Marselhesa,* que neste caso recebe o título de *Marseleza Paredense.*

O escritório, também chamado de Biblioteca ou Sala da Geografia, possui dimensões mais reduzidas que as referidas anteriormente. Esta sala destaca-se pela representação do globo, no centro do tecto, e nas extremidades os símbolos iconográficos do deus Hermes: o caduceu e o pétaso. O globo representado em alto-relevo poderá estar relacionado com a Maçonaria, na medida em que este objecto representa o conhecimento ilimitado e a própria universalidade desta associação[18]. Nas extremidades encontram-se os símbolos do deus Hermes: o pétaso, chapéu de abas largas a quem foi acrescentada um par de asas pequenas e, o caduceu, espécie de ceptro com duas serpentes entrelaçadas.

Como podemos constatar, o interior da *Castrália* suplanta o exterior devido à riqueza iconográfica presente nos espaços de convívio e, sobretudo, a articulação que pudemos encontrar entre o Brasil, mais concretamente, Belém do Pará, e o meio rural da freguesia de Louredo. Desta forma, o *brasileiro* procurou homenagear as duas terras, a de origem e a de adopção. No entanto, traduziu no interior e nos textos que escreveu a educação que adquiriu por iniciativa própria. Por outro lado, consideramos importante referir que esta casa teve como principal função a habitação, vindo a ser adquirida pelos familiares do caseiro que ali habitou e conviveu com o *brasileiro.*

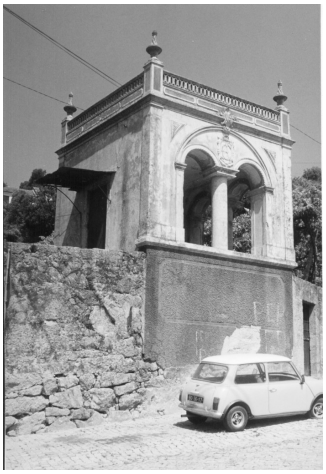
[18] MARQUES, 1986: 515-516.

Na nossa opinião, a *Castrália* e o seu proprietário tornam-se difíceis de separar, na medida em que esta era constantemente citada na imprensa local e nacional como espaço de habitação e de convívio, sobretudo pelos intensos banquetes e festas que aí se realizavam. Esta "Casa de Brasileiro" foi, inclusive, citada num artigo publicado no jornal *O Novo Paredense* como um exemplo do trabalho desenvolvido pelo emigrante no seu concelho: "No concelho de Paredes estão bem patentes as produções resultantes do dinheiro dos brazileiros, por exemplo temos: na sede do concelho, o palácio dos Viscondes de Paredes, a Igreja Nova, (…), em Louredo, a Castrália e a sua mola"[19]. Este palacete foi ainda sistematicamente citado em obras da época, como a *Monografia de Paredes,* onde o seu autor, Dr. José do Barreiro, refere o seguinte: "O capitalista, regressado do Brazil, snr. Adriano Moreira de Castro, edificou aí um palacete para sua habitação, a que poz o nome de Castralia, para o que mandou vir ricas madeiras do Brazil (…). Panorama encantador/ Desde a Castrália à estrada./ Quantas belezas encerra/ Esta nossa terra amada!"[20].

Por fim gostaríamos de destacar um importante elemento arquitectónico – Mirante – que foi construído numa extremidade da propriedade, próximo da Igreja Paroquial, e que se assemelha às casas de fresco. Este espaço quadrangular apresenta na fachada principal dois arcos de volta perfeita separados por uma coluna. Sobre estes arcos está uma balaustrada que corre ao longo de todo o mirante, tendo sido colocado no centro o monograma do *brasileiro* – AMC. De acordo com informações orais, este espaço seria usado pelo emigrante para assistir a cerimónias públicas, como procissões, uma vez que este se encontra voltado para a Igreja Paroquial. É nossa opinião que este espaço foi construído pelo emigrante como forma de afirmação do seu poder económico sobre a restante freguesia, pois assemelha-se a uma espécie de tribuna.

[19] *O Novo Paredense,* n.º 57.
[20] BARREIRO, 1924.

Figura n.º 7
Mirante



Como já foi referido anteriormente, os *brasileiros de torna-viagem* destacaram-se não só pelas atitudes filantrópicas, mas também pela sua procura de afirmação sobre uma sociedade que os rejeitou e aceitou os novos-ricos. Desta forma, Adriano Moreira de Castro afirmou-se sobre todos aqueles que o viram partir.

Considerações finais

Como já foi referido anteriormente, as casas dos emigrantes *Brasileiros* são indissociáveis do perfil social destes indivíduos, da sua origem, da sua trajectória e das suas ambições. Desta forma, deveremos encarar as críticas realizadas aos proprietários e aos seus conjuntos edificados como algo que era considerado como um desvio à ordem pré-estabelecida, neste caso a ordem estética, construtiva e urbanística. Enquanto em alguns casos a obra e o autor se identificam, neste caso a obra confunde-se com o seu autor, de forma negativa. Esta classificação negativa em torno dos *brasileiros,* baseia-se na casa e surge para definir a situação em torno dos actores e detractores, ou seja, as relações sociais que se tornam mais ou menos tensas entre os emigrantes e as comunidades de origem.

No entanto, a opinião acerca dos *Brasileiros de Torna-viagem* e as *Casas de Brasileiros* continua a ser aquela que foi veiculada pela literatura nos finais do século XIX.

Consideramos que não existe uma *Casa de Brasileiro* enquanto modelo da residência destes emigrantes. No norte do país, e mais concretamente no Vale do Sousa,

existe uma multiplicidade de casas de diferentes traços e materiais. No entanto, como já foi referido anteriormente, existem características comuns que predominam nos diversos conjuntos edificados.

Cada casa é um caso, uma vez que estes espaços reflectem, por vezes, a assimilação da paisagem arquitectónica brasileira e europeia, mas também espelham o percurso do seu encomendador.

Assim, torna-se difícil definir um modelo da *Casa de Brasileiro*, devido às especificidades regionais em que estas se inserem, à variedade de materiais e aos percursos pessoais e profissionais dos *brasileiros.* No Vale do Sousa, encontramos uma multiplicidade de casas com diferentes traços, como aquelas duas que aqui apresentamos.

A singularidade do porte, do destaque, do ornato e da cor de várias *Casas de Brasileiros* no norte do país torna difícil catalogar/fazer um inventário e, sobretudo, criar tipologias. No entanto, consideramos que é urgente fazer um inventário destas casas, de forma a evitar que estas se percam na memória dos tempos. Nunca nos podemos esquecer que se nos finais do século XIX, a literatura se encarregou de caricaturar e, sobretudo, ridicularizar estas casas, a nossa sociedade actual tem levado a cabo um processo semelhante com as casas dos emigrantes que se encontram em França, na Suíça ou noutros países europeus. Por isso, é extremamente importante que o país se torne receptivo a todas as inovações introduzidas na arquitectura. As casas dos emigrantes são o reflexo do percurso do emigrante quer em terras de origem quer em terras de trabalho.

As *Casas de Brasileiros* na região do Vale do Sousa, e mais concretamente no concelho de Paredes, caracterizaram-se pela introdução de novas dinâmicas sociais, totalmente desconhecidas da comunidade. O concelho de Paredes tornou-se um importante ponto de passagem de políticos, brasileiros, cidadãos anónimos que se sentiam atraídos pela agitação nestes dois núcleos: Castelões de Cepeda e Louredo. É importante referir que as *Casas de Brasileiro* passaram despercebidas na paisagem arquitectónica do concelho do Paredes, destacando-se apenas pelas referências citadas na imprensa. No entanto, estas referências nunca foram entendidas como depreciativas quer do emigrante quer da construção.

Do ponto de vista construtivo, criou-se um mercado de trabalho ligado aos ofícios e à construção civil, nomeadamente através da utilização de novos materiais como o azulejo, a telha, o ferro. Assim criou-se uma nova dinâmica desencadeada por esta clientela em vários sectores construtivos. "O azulejo que os portugueses levaram ao conhecimento do Mundo, em painéis de interiores, especialmente ao Brasil e que o 'brasileiro' trouxe de volta à pátria já adaptado ao revestimento de fachadas"[21].

[21] LOUREIRO, 1988.

Actualmente, as *Casas de Brasileiros* têm sido alvo de interesse, uma vez que os seus proprietários desapareceram, os critérios estéticos alteraram-se e a percepção da casa transformou-se. Assim, estas casas têm vindo a ser recuperadas sobretudo pelos organismos oficiais e utilizadas como espaços culturais ou espaços habitacionais em alguns casos.

A salvaguarda destas casas poderá passar pela tentativa de uma maior valorização destes exemplos arquitectónicos e, também, pela sua transformação em ambientes culturais.

Fontes e Bibliografia

Bibliografia

BARREIRO, José do, 1924 – *Monografia de Paredes.* Porto: Tipografia Barros e Costa.

CASTELO BRANCO, Camilo, 1982-1994 – *Obras Completas*. Porto: Lello & Irmão.

CÉSAR, Guilhermino, 1969 – *O Brasileiro na Ficção Portuguesa – O Direito e o Avesso de uma Personagem*. Lisboa. Parceria M. Pereira.

GRIMAL, Pierre, 1992 – *Dicionário da Mitologia Grega e Romana.* Lisboa: Difel.

JÚNIOR, José Ribeiro da Costa, 1947 – *A Árvore das Patacas: romance com uma descrição da vida no Rio de Janeiro há 50 anos*. Lisboa: s/ed.

LOUREIRO, José Carlos, 1988 – "A Casa de Brasileiro", in *Jornal Arquitectos*, 67, AAP/CDN.

MARQUES, A. H. de Oliveira, 1986 – *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, vol. I. Lisboa: Editorial Delta.

PEDREIRINHO, José Manuel, 1986 – "Arquivos de Arquitectura: As Casas dos Emigrantes «Brasileiros»". *História*, n.º 98, ano IX.

PEIXOTO, Maria Paula Brito de Torres, 1998 – "A Casa do Brasileiro", in *Os Brasileiros da Emigração*. Vila Nova de Famalicão.

VALÉRIO, Nuno, 1998 – *A imagem do "Brasileiro" na obra literária de Júlio Dinis*. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social.

VILLANOVA, Roselyne de; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel, 1995 – *Casas de Sonhos.* Lisboa: Edições Salamandra.